

# Mulheres haitianas e plataformas digitais: Entre a violência e a resistência.

Maxo St Victor y Vera Lucia Martiniak.

Cita:

Maxo St Victor y Vera Lucia Martiniak (Agosto, 2025). *Mulheres haitianas e plataformas digitais: Entre a violência e a resistência*. 9° Colóquio Mulheres e Sociedade. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/maxo.st.victor/25>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pxZC/VNW>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.  
Para ver una copia de esta licencia, visite  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*



## MULHERES HAITIANAS E PLATAFORMAS DIGITAIS: ENTRE A VIOLÊNCIA E A RESISTÊNCIA

ST VICTOR, Maxo<sup>1</sup>

 <http://lattes.cnpq.br/2872105903344770>

MARTINIAK, Vera Lucia<sup>2</sup>

 <http://lattes.cnpq.br/2586663143728140>

### RESUMO

As plataformas digitais atuam tanto como espaços de violência quanto de resistência para as mulheres haitianas. Este artigo analisa como essas plataformas reproduzem desigualdades estruturais e facilitam ataques, mas também possibilitam mobilização e fortalecimento de redes de apoio. A pesquisa adota um referencial teórico sobre plataformas digitais e poder (Gillespie, 2018; Van Dijck, 2013), violência de gênero na internet (Citron, 2014; Jane, 2017) e feminismo digital (Baer, 2016; Mendes et al., 2019). A metodologia inclui o mapeamento de campanhas online, a análise de discurso de postagens com base na análise crítica do discurso de Fairclough (1992; 2003; 2010) e o estudo de casos midiáticos. Os resultados mostram que, apesar dos desafios, as mulheres haitianas utilizam as plataformas para amplificar suas vozes e fortalecer redes de solidariedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Plataformas digitais; Violência; Resistência; Desafios.

### CORPO DO TEXTO

As plataformas digitais tornaram-se centrais na comunicação e mobilização social, mas também refletem e amplificam desigualdades estruturais. Para as mulheres haitianas, esses espaços representam um paradoxo: ao mesmo tempo que possibilitam engajamento, visibilidade e resistência, também são palco de violências, como misoginia, racismo e discursos de ódio. Nesse contexto, é essencial compreender de que maneira as plataformas digitais operam tanto como meios de opressão quanto como ferramentas para mobilização e fortalecimento de redes de apoio.

O objetivo deste artigo é investigar como as plataformas digitais funcionam como espaços de violência e resistência para as mulheres haitianas. A pergunta que orienta

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual do Haiti (UEH). Mestre em História, Memória e Patrimônio pela (UEH) e pela Universidade Laval (ULaval). Doutorando em Educação na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: [240302100000@uepg.br](mailto:240302100000@uepg.br)

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPG. E-mail: [vlmartiniak@uepg.br](mailto:vlmartiniak@uepg.br). (Orientadora)



a pesquisa é: as plataformas digitais são mais um espaço de opressão ou oferecem possibilidades reais de resistência para as mulheres haitianas?

Para responder a essa questão, a pesquisa adota como referencial teórico os estudos sobre plataformas digitais e poder (Gillespie, 2018; Van Dijck, 2013), violência de gênero na internet (Citron, 2014; Jane, 2017) e feminismo digital e ativismo online (Baer, 2016; Mendes et al., 2019). A metodologia abrange o mapeamento de campanhas e movimentos online de mulheres haitianas, a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 1992; 2003; 2010) e o estudo de casos midiáticos sobre resistência digital.

Conforme Fairclough (2010), essa análise investiga as maneiras como a linguagem contribui para a reprodução e contestação das desigualdades sociais. Nesse sentido, ela permitiu identificar como as postagens online reforçam desigualdades e impulsionam a resistência das mulheres haitianas. Fairclough (1992) destaca que o discurso não apenas reflete a sociedade, mas também contribui para sua transformação, sendo um elemento central nas relações de poder e ideologia.

Além disso, para uma compreensão mais ampla, é essencial analisá-lo não apenas em seu nível textual, mas também em sua dimensão intertextual e sociocultural (Fairclough, 2003).\_Ao analisar esses elementos, busca-se compreender as dinâmicas das plataformas digitais no contexto haitiano e os desafios e possibilidades que elas oferecem para a luta das mulheres contra a violência e a exclusão.

As plataformas digitais refletem e reforçam desigualdades sociais, afetando a participação das mulheres haitianas. Gillespie (2018) e Van Dijck (2013) mostram que essas plataformas não são neutras, pois favorecem certos grupos e marginalizam outros. No Haiti, onde o acesso à internet é desigual, as mulheres enfrentam maiores barreiras para visibilidade e engajamento.

A violência de gênero online é um problema global, mas assume características específicas em cada contexto. Citron (2014) e Jane (2017) analisam como as redes sociais facilitam assédios e discursos de ódio contra mulheres. No Haiti, a falta de regulamentação e o silenciamento das vítimas agravam a situação.

Apesar disso, o feminismo digital fortalece a resistência. Baer (2016) e Mendes et al. (2019) mostram como mulheres utilizam a internet para criar redes de apoio e denunciar violências. No Haiti, mesmo com dificuldades, esses movimentos vêm crescendo, ampliando debates sobre direitos das mulheres.



Este estudo analisa as dinâmicas de poder das plataformas digitais, a violência online e o ativismo digital, buscando entender os desafios e as possibilidades de resistência das mulheres haitianas.

Este estudo qualitativo investiga como as plataformas digitais funcionam como espaços de violência e resistência para as mulheres haitianas, com base em fontes secundárias, como artigos acadêmicos, relatórios e dados públicos.

Primeiro, será realizado um mapeamento de campanhas e movimentos online liderados por mulheres haitianas para identificar estratégias de mobilização. Em seguida, a análise de discurso examinará postagens que denunciam ou promovem violência contra essas mulheres, observando padrões de ataque e resistência.

Por fim, serão analisados casos midiáticos de mulheres haitianas que enfrentaram violência digital e usaram as plataformas para denunciar agressões e reivindicar direitos.

Os resultados indicam que as plataformas digitais representam um espaço ambíguo para as mulheres haitianas, funcionando tanto como locais de violência quanto de resistência. O mapeamento de campanhas e movimentos online revelou iniciativas lideradas por mulheres haitianas para combater a misoginia e o racismo digital, promovendo conscientização e apoio mútuo. Essas ações demonstram o uso estratégico das redes sociais para mobilização e defesa de direitos, embora enfrentem desafios como baixa visibilidade e falta de suporte institucional.

A análise de discurso identificou padrões recorrentes de ataques, incluindo ofensas misóginas e racistas que buscam silenciar e deslegitimar essas mulheres.

Há algum tempo, mulheres haitianas que se destacam nas redes sociais pela sua presença e popularidade têm sido alvo de ataques de alguns homens. Seus vídeos e fotos íntimas foram compartilhados nas redes. No final de 2024, mais de cinco jovens mulheres foram alvo de ações negativas devido à divulgação de seus vídeos e fotos online. Esse ato tem como objetivo apagar a presença delas nessas plataformas.

O pior é que até mesmo algumas mulheres estão se envolvendo em campanhas de difamação contra outras mulheres nas redes sociais. Circula no Facebook<sup>3</sup> um curto vídeo onde um jovem cita o nome dessas mulheres, conhecidas nas redes, comentando sobre suas partes íntimas.

---

<sup>3</sup> Link para acessar o vídeo: <https://www.facebook.com/reel/1350962406343731>



No outro vídeo no Facebook<sup>4</sup>, um homem possui vídeos e fotos e cobra das pessoas que pedem para compartilhar o conteúdo em seu telefone. Incapaz de aguentar a difamação, a mulher afetada tentou se suicidar, mas explicou a situação semanas depois, graças ao apoio de amigos próximos.

No entanto, também revelou formas de resistência, como respostas coletivas, denúncias públicas e fortalecimento de redes de apoio. As mulheres haitianas são símbolo de resistência, cuja experiência na vida cotidiana as ensina a enfrentar com coragem e determinação as dificuldades que marcam sua realidade.

Marques (2017, p. 9-10) retrata a narrativa transmitida entre gerações por meio de relatos orais pelas mulheres no Haiti da liderança que se transformou em símbolo de “potência, resistência, insubordinação e aceitação do trágico”.

Durante a presença da MINUSTAH<sup>5</sup> no Haiti, por exemplo, várias violações de direitos humanos cometidas pelos agentes dessa missão, especialmente abusos sexuais contra mulheres, foram denunciadas (SANTOS, 2020).

Apesar dessas estratégias, muitas denúncias não resultam em punições efetivas, e os algoritmos das plataformas frequentemente limitam o alcance de conteúdos que denunciam a violência de gênero e racial.

Os casos midiáticos analisados mostraram que, apesar da violência digital, as plataformas podem ser usadas para visibilizar injustiças e pressionar mudanças. Mulheres haitianas que enfrentaram ataques online recorreram às redes para expor suas experiências e encontrar apoio, conseguindo, em alguns casos, mobilizar solidariedade e impulsionar debates públicos. Entretanto, desafios como a normalização da violência digital e a inação das plataformas dificultam a efetividade dessas mobilizações.

Em síntese, as plataformas digitais funcionam como um espaço de disputa, onde mulheres haitianas enfrentam violência, mas também constroem estratégias de resistência para se manterem visíveis e atuantes.

As plataformas digitais são espaços paradoxais para as mulheres haitianas, pois, ao mesmo tempo que amplificam a violência de gênero e racial, também possibilitam resistência e mobilização. A análise demonstrou que, apesar dos ataques misóginos e

---

<sup>4</sup> Link do vídeo: <https://www.facebook.com/share/v/18iofDEPeU/>

<sup>5</sup> A Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti foi uma missão de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) no Haiti, estabelecida em 2004 e encerrada em 2017.



racistas, essas mulheres têm utilizado as redes sociais para fortalecer suas vozes, denunciar injustiças e criar redes de apoio.

Contudo, os desafios permanecem significativos. A persistência da violência digital, a falta de resposta efetiva das plataformas e os mecanismos de silenciamento algorítmico dificultam a atuação das mulheres haitianas no ambiente digital. Ainda assim, suas estratégias de resistência evidenciam a importância da luta por um espaço digital mais equitativo e seguro.

Diante desse cenário, é essencial que políticas públicas, regulamentações e ações institucionais sejam fortalecidas para garantir a proteção dessas mulheres e ampliar sua participação no debate público. Pesquisas futuras podem aprofundar a análise sobre o impacto dessas iniciativas e explorar estratégias mais eficazes para combater a violência digital e promover maior inclusão.

## REFERÊNCIAS

BAER, H. Redefining activism: digital feminism and online discourse. **Feminist Media Studies**, v. 16, n. 1, p. 17-34, 2016.

CITRON, D. K. **Hate crimes in cyberspace**. Cambridge: Harvard University Press, 2014.

FAIRCLOUGH, N. **Analyzing Discourse: Textual Analysis for Social Research**. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language**. 2. ed. London: Routledge, 2010.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and Social Change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

GILLESPIE, T. **Custodians of the Internet: platforms, content moderation, and the hidden decisions that shape social media**. New Haven: Yale University Press, 2018.

JANE, E. A. Online misogyny and feminist digilantism: Ambivalent empowerment. **Feminist Media Studies**, v. 17, n. 4, p. 701-720, 2017.

MARQUES, P. M. "Narrando revoluções com os pés no Haiti: A Revolução haitiana por Michel-Rolph Trouillot e outros intelectuais caribenhos", IN: **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, V. 11, nº 3, 2017.



MENDES, K.; RINGROSE, J.; KELLER, J. **Digital feminist activism: girls and women fight back against rape culture.** Oxford: Oxford University Press, 2019.

SANTOS, J. V. **Haiti: uma história de lutas silenciadas que podem ser ainda sufocadas na pandemia. Entrevista especial com Handerson Joseph.** 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/599187-haiti-uma-historia-de-lutas-silenciadas-que-podem-ser-ainda-sufocadas-na-pandemia-entrevista-especial-com-handerson-joseph>. Acesso em: 2 mar. 2025.

VAN DIJCK, J. **The culture of connectivity: A critical history of social media.** Oxford: Oxford University Press, 2013.